

Ripa |

Pesquisas em biocombustíveis

Roberta Salgado*

TIAGO QUINTELA Giuliani, coordenador de Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), foi entrevistado pela Ripa, por ocasião da Oficina em Agroenergia, realizada em Brasília, durante julho último, quando falou a 80 especialistas sobre Política Pública do Setor Energético.

RIPA: Em quais segmentos o MAPA concentra esforços para garantir energia no futuro?

GIULIANI: Um deles é o etanol, que está consolidado, mas pretendemos expandi-lo devido à sua grande participação na matriz energética nacional. Iniciamos a exportação para a Holanda e fizemos contrato com o Japão para 100 milhões de litros. Existe o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, do qual participam os Ministérios do Desenvolvimento Agrário, da Agricultura, da Ciência e Tecnologia, de Minas e Energia. O MAPA também desenvolveu o Programa Nacional de Agroenergia com foco no aumento da produção de óleos no Brasil.

RIPA: Como o MAPA pretende aumentar a produção?

GIULIANI: Utilizamos basicamente as palmáceas para a produção de óleos vegetais, sem excluir oleaginosas como o girassol e a soja, que já têm maior difusão. Queremos a produção de soja destinada a alimentos, como ração e produtos afins. A longo prazo, visamos a uma produção de óleo de, no mínimo, 5 toneladas por hectare. As únicas culturas que podem responder a isso são as palmáceas, e talvez o pinhão manso, que, entretanto, não apresentou dados confiáveis na sua utilização.

Ele pode ser utilizado em nichos específicos como no Nordeste e no Centro-Oeste. O MAPA identificou algumas pequenas propriedades. Como as comunidades tinham interesse e precisavam do recurso, então foi feito o zoneamento.

RIPA: Quais são as palmáceas?

GIULIANI: O dendê, principal palmácea produtora de óleo no mundo, é mais utilizado para o consumo humano, em indústrias alimentícias. Suas características organolépticas (que podem ser percebidas com os sentidos humanos, visão, audição, olfato, paladar e tato) específicas de fácil utilização e de modificação são muitos boas para o consumo humano. O gergelim é outra palmácea que possui uma torta de muito boa qualidade para o consumo humano.

RIPA: O que deve ocorrer no País após o zoneamento da cana-de-açúcar?

GIULIANI: Como ferramenta feita pelo governo para conduzir a expansão da cana-de-açúcar, o zoneamento direciona financiamentos e pesquisas. O MAPA não quer que se produza cana em determinadas áreas. Entretanto, não haverá nenhuma sanção econômica para as áreas já em produção, mas excluídas do zoneamento. Há direcionamento e planejamento, e criaremos mecanismos para conduzir a expansão da cana nas áreas interessadas.

RIPA: O planejamento irá responder a questionamentos internacionais?

GIULIANI: O zoneamento responderá a questões como “para onde está indo a cana? Estão segurando a sua expansão? Está sendo planejado ou não?” É uma

ação inédita, com envolvimento de todos os estados. Em relação ao zoneamento agrícola, não houve nada igual até hoje. Foram excluídas áreas de manejo ambiental e de biomas frágeis, conforme as demandas trazidas pelos estados e pelo governo federal por meio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama). O Ministério do Meio Ambiente participa ativamente.

RIPA: E em relação ao bioma Amazônia?

GIULIANI: Em algumas áreas da Amazônia úmida o potencial de cana é muito baixo. Economicamente, a sua produção não é viável. A cultura exige uma estrutura logística muito grande. O álcool deve ser rapidamente distribuído, mas o foco das empresas não é a armazenagem. Um conceito errado é dizer que o estado de São Paulo é um mar de cana; não é. Na verdade, é um mar de pasto. Como as usinas estão próximas das rodovias, parece haver somente produção de cana.

RIPA: Há grande concentração de usinas no Sudeste?

GIULIANI: As usinas estão no Sudeste e Centro-Sul. Agora a expansão vai para o Centro-Oeste. O alcoolduto que está sendo construído pela Petrobras facilitará o escoamento do combustível para o exterior e reduzirá o custo. A expansão deve-se também às tendências de mecanização da cana.

RIPA: Qual é a vinculação entre o biocombustível e o consumo energético?

GIULIANI: O biocombustível depende de sua utilização, região ou nicho de mercado. Em termos de balanço energético, o álcool tem o melhor dentre os biocombustíveis. Para cada unidade de energia no sistema, dá um retorno de 8,3. No álcool de milho é de 1,8. Como é um custo energético muito alto para a produção, é bastante questionado nos Estados Unidos. No caso da soja, o balanço energético não é tão importante porque a prioridade é o consumo humano. ■

* Assessoria de Comunicação Ripa
ripaimprensa@gmail.com